

O Sagrado Feminino: das origens ao cristianismo

Módulo 1

Desde sempre a diferença entre homem e mulher foi notória, mas não necessariamente negativa e/ou discriminatória. Eram seres diferentes. Ponto. Respeitavam-se e ocupavam o seu lugar na criação, sem atropelos, sem ciúmes, invejas ou sentimentos de superioridade, ou seja, de mesquinho poder.

Complementavam-se no quotidiano, desempenhando funções essenciais à sobrevivência da espécie, através do que entendiam de tudo o que os rodeava, incluindo da sua relação com a entidade superior, criadora e gestora de tudo o que Era, a quem deviam homenagem e favores, ou sujeição a castigos, hoje vistos como meros fenómenos naturais.

Deles, suas acções e omissões, dependia a subsistência directa e indirecta, pois deles dependia também a natureza animal e vegetal. Pouco a pouco, os ciclos da vida total tornaram-se entendidos e padronizados temporalmente, mesclando-se nos próprios ciclos humanos, nomeadamente nos ciclos visíveis da mulher. Sem recursos científicos tão comuns na actualidade, o entendimento era primariamente evoluído e elaborado em fábulas que se contavam e recontavam, justificando, geração após geração, os mistérios visíveis e invisíveis, e as consequências verificadas de cada efeito ganharam consistência consoante a sua verificação se consolidava sem falhas nas diferentes culturas.

Separadas geograficamente, as diferentes culturas verificavam os mesmos fenómenos e assimilavam-nos de forma semelhante, reservando à mulher um lugar de destaque na criação, enquanto ser gerador de vida, raiz da fertilidade, essência de vida. Sem preconceitos relativamente ao papel do homem nesta função é sem dúvida à mulher que cabe dar a vida, ser a origem da vida, incubar os novos seres.

Esta característica especial, única, é louvada e abençoada, homenageada ritualmente e interligada com elementos da própria natureza a que a mulher pertence e da qual não se pode, nem deve, desligar. Tudo é um ciclo e tudo funciona ciclicamente e a mulher é de tal exemplo demonstrando que é também parte desse ciclo, nem acima nem abaixo. É parte. Daí surgirem os arquétipos e a mulher ser assimilada como elemento da natureza, que explica as suas diferentes dimensões, vistas como as suas diferentes funções no mundo: a caverna como útero, a lua como os ciclos de vida, o sangue como fertilidade e essência de vida, a fonte como fecundidade e nascimento, a montanha como proximidade com o divino, a árvore como longevidade e sapiência, a ave como transcende e intermediária entre o céu e a terra, a flor enquanto pureza e poder da cura, a rainha enquanto mãe e justiça.

A reunião destes arquétipos leva a que a mulher seja associada à própria terra, à Mãe-Terra, dando-lhe um valor de absolutismo que apenas o grande amor que devota aos filhos gerados impede de ser déspota.

Culturalmente, a representação iconográfica não tardou e a figura da mulher teve sempre um lugar relevante nas diversas expressões plásticas da antiguidade. A proeminência dos seios e da vulva demonstram o quão importantes eram as características femininas da fertilidade, concepção e gestação. A relevância dada, quase reverência, à sua capacidade de dar vida a outro ser e, por consequência, de garantir a vida ao seu redor.

Longe de serem representações de cariz provocatório, eram celebrações da magia da vida, presentes nos locais sagrados onde o culto era celebrado e os mistérios passados às gerações seguintes, perpetuando a essência do ser.

Mais tarde, o pensamento inverteu-se e tudo se tornou “pecado”, pornográfico, impuro. A mulher viu-se relegada para um plano negro, em determinada época nem sequer plano secundário, onde os direitos não lhe aproviam e o seu papel no mundo parecia ter desaparecido apenas porque não era reconhecido. Mas o seu papel existia e ainda existe. Não lhe pode ser retirado pois faz parte de um plano que transcende todos nós, toda a natureza.

Pouco a pouco, no plano material, a mulher está a recuperar o seu papel na sociedade. Pode ainda demorar a equilibrar os pratos na balança, mas, em termos naturais, o seu papel não se alterou e a sua capacidade primordial de dar a vida mantém-se inalterada desde o primeiro momento, o seu sagrado feminino é e não deixou de ser.

Rita Duarte
Junho 2021